

ESCUDO SOCIAL

Hebdomadario Religioso, Patriótico e Litterario

DIRECTOR—Paulino de Andrade Fróes —(—) TYP. E REDACÇÃO—Praça do Mercado

ANNO VI —(—) Sob a censura do Remo, Vigário da Freguezia —(—) NUMERO 233

De que serve a confissão ?

Resposta.—Primeiro que tudo deve servir para alguma coisa de bom, pois que é uma instituição divina, e que Deus sem motivo nada faz. Porém que-reis que vos prove sua utilidade? Confessae-vos, e vereis para que serve a confissão.

Vereis que serve para nos converter de más em bone; vereis que serve para nos corrigir de nossos vícios, e para largar passos dardos no caminho das mais heroicas virtudes.

De que serve a confissão? Perguntae-o a esse pobre menino a quem vergonhosos habitos de graduação, e cuja mancha já trazia impressa em seu semblante. Eil-o todo mudado no physico e no moral. Que fez elle? Confessou-se, confessou-se... Antes elle não se confessava.

De que serve a confissão? Perguntae-o a esse operario outr'ora tão libertino, tão apaixonado pela taberna, actualmente tão casto, tão arranjado, tão trabalhador, tendo em pouco tempo se tornado o modelo de seus camaradas! Sua mulher e seus filhos achão que a confissão serve para alguma coisa.

De que serve a confissão? Perguntae-o a essa pobre mulher acabrunhada pela miseria, carregada de filhos, maltratada por seu marido... muitas vezes a desgraçada lança os olhos para o rio determinada a dar fim á seus males... A ideia de Deus e de seus filhos a contive. Ella se approxima ao confessor... Eu não sei o que lhe disse elle, mas eil-a que se recolhe para casa

LONGE

*Longe, bem longe da mentira humana
Como é bello este limpido silvedo!
Este céu sempre azul de almo sagrado
E o rio ao pé da humillima cabana!*

*Dos passaros a alegre caravana
Lantarola nas frondes do arveredo
Em remigio no Azul... pelo rochedo
Longe do vicio e da verdade msana!*

*Fremente ao longe a cascata alvinizante!
E descanta, nostalgica e plangente,
Du'cissima canção bella serrana.*

- *Sinto n'alma o pungir de acre saudade.*
- *Ahi como é boa a paz da soledade.*
- *Longe, bem longe da mentira humana!*

Sebastião d'Abreu.

com a paz no coração, e quasi com a alegria no rosto. Ella soffre seus males com doçura supporta sem nada dizer os máos tratamentos de seu marido...

Este estranha tal mudança, depois admira ama e imita. Contae: um suicidio de menos uma mãe conservada á seis ou sete filhos; um bom casal e uma familia virtuosa de mais.

Depois desta pobre mulher é um servo que ha muitos annos fazia seu peculio um pouco fóra das regra á custa de seu amo. Um remorso tira-lhe a tranquillidade e elle vae ter com um Sacerdote... Se o amo der attenção á sua casa, elle se aperceberá de que a despesa diminue, sem que seu trato tenha sido agorentado. Demais elle recebe um dia um bilhete de quatrocentos ou quinhentos francos de uma mão desconhecida.

Contae um ladrão de menos; talvez a mancha da calcêta sal-

va a uma familia honrada: um servo probo de mais.

De que serve a confissão? Perguntae-o aos pobres de tal communidade. O rico proprietario do lugar os deixava em sua miseria, elle despendia para si toda a sua immensa fortuna... De certo tempo em diante elle se confessava... eil-o convertido em pae dos desgraçados indo ao encontro de suas privações. E essa pobre gente acha que a confissão serve para alguma coisa!

A confissão é a egide da perseverança e da virtude.

—E' a casca aspera e rude, eu o confesso, mas a casca protectora que conserva intacto esse fructo maravilhoso que se chama consciencia.

E' a confissão que dá, que conserva a paz do coração, sem a qual não ha felicidade.

E' ella que previne uma multidão de crimes e de desgraças,

É ella que levanta o pobre peccador segado de Deus por sua fraqueza? É sobretudo ella que consola o moribundo prestes a comparecer diante de seu Deus e seu Juiz.

Que mudança verieis na França se todos se confessassem, sincera e seriamente, como devem fazel-o.

As leis e os agentes da Policia quasi que não terião occasião de ser empregados.

Essa só lei da Igreja—Confessar te-has ao menos uma vez cada anno—seria a regeneração da França, e o paradeiro de todas as revoluções.

Julgue pois da arvore por seus fructos.

A respeito da confissão dá-se o que acontece a respeito da toda a Religião, não tem por inimigos senão a ignorancia, os prejuizos e as paixões.

Juro Fabuloso

Napoleão gostava muito de se disfarçar para ouvir o que delle diziam.

Uma bella manhã, tendo sahido cedo com Duroc, foi almoçar a um restaurante; mas quando, finda a refeição, o creado trouxe a conta, tanto Napoleão como o marechal verificaram que não traziam dinheiro.

Em tão apertada conjunctura resolveram p'llamentar com a dona do restaurante, uma velhota que dormitava por detrás do balcão. A creatura mirando e rememorando os freguezes, concluiu por lhes dizer—que estava farta de cantigas e que, ou pagava ou mandava chamar a policia.

Napoleão e Duroc entreolharam-se afflictos. Que fazer?... Ir buscar dinheiro e ficar o outro á espera?... E se algum os surpreendesse no seu incognito?...

Emquanto se confidenciavam estas reflexões, a velhota fazia de conta que dormia. Mas um creado, o mesmo que servira o almoço, approximou-se dos freguezes e resolveu a pendencia:

—Eu pago, cavalheiro. Os senhores têm cara de excellentes homens. Não se afflijam. Eu sei o que são estas pandegas. Não se agustem eu pago. E os cavalheiros dão-me depois o dinheiro. São quatorze francos, que demonio!

E dirigindo ao balcão atireu o dinheiro.

—Bem tolo és, exclamou a mulher! E' gentinha que nunca mais tornas a ver. Isso são marões, uzeiros e vezeiros destas patifarias.

FILHA, MÃE, ESPOSA.

*Para se namorar do que creou
Te fez Deus, sacra p'phenix, Virgem pura;
Vêde que tal seria essa feitura
Que para si o seu feitor guardou!*

*No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira creatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo te estudou.*

*Não sei si digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras qualidades
Que quiz criar em ti quem tu criaste;*

*E's filha, Mãe, e Esposa; e se alcançaste
Uma só, tres altas dignidades,
Foi porque a Tres de Uma só tanto agradaste.*

Luiz de Camões.

—Paciencia, patrão. Se me enganar, são uns quatorze francos. Nunca mais o diabo leve.

E os dois afflictos freguezes sahiram agradecendo ao creado a sua generosidade.

—Nós já voltamos. E' um instante.

—Não tem duvida, quando passarem. Os senhores inspiram-me confiança.

Passando algum tempo, entra no estabelecimento Duroc, flamejante na sua farda. O creado quando o viu recuou assombrado. E a dona do restaurante, erguendo-se, fitou-o tão atrepalhada que nem pôde abrir a bocca.

—Quanto quer por tudo isto?... disse Duroc, abrangendo com um gesto todo o restaurante.

A mulher, já mais socegada, gaguejou:

—Pois era o senhor... E eu que... Espero que me desculpe...

—Quanto quer por tudo isto? perguntou de novo Duroc.

—Não entendo, meu senhor... E' para comprar o estabelecimento?...

—E'.

—Pois eu cedo-o, sim, tomara eu Comtudo, bons vinhos, etc., 30,000 francos... E' muito...

—Não é, ahí tem negocio fechado.

E atirou para cima do balcão a somma pedida. Depois, para o criado:

—Podes tomar conta da casa. E' tua. E, o juro dos quatorze francos que o meu companheiro me encarrega de te dar.

O criado de bocca aberta, não percebia.

—Ainda, mexe te, toma conta. O restaurante é teu, pertence-te. E você mulherzinha, rua. E' o meu companheiro que manda.

—Quem é seu companheiro? perguntou muito intrigada a creatura.

—Napoleão 1. respondem com uma continencia o marechal.

A reforma orthographica

Com bastante serve resume o nosso collega 'O Cruzeiro do Norte' o projecto do enr. Medeiros e Albuquerque, relativo a reforma orthographica:

«Art. 1º. Ficam abolidos todos os dictionarios da lingua portugueza existentes até hoje;

Art. 2º. São considerados saber ler e escrever correctamente a lingua portugueza todos aquelles que até hontem por desconhecereem a sua etymologia (della) escrevem erradamente segundo o conceito dos doutos.»

Tableau.

Chuvvas

Desde domingo tem caído abundantes chuvas neste municipio, espalhando a alegria e esperanza entre os nossos lavradores, que sentiam-se tristes e desanimados.

A safra de fumo, não obstante as chuvas, será diminuta por terem-se perdido as primeiras plantações e não haver mais semente.

Anniversarios

Fizeram annos:

Dia 4. D. Rosa Madeira de Oliveira, esposa do nosso amigo Manoel Antonio de Oliveira.

ra. Dia 7 Helena Regina de Miranda, professora do Rio de Contas;

—Mesmo dia. O joven João Caldas Lobo, proprietario da Padaria Esperança;

Ainda no mesmo dia. A amovavel Dudú Pereira, filhinha do nosso bondoso amigo major Reinaldo José Pereira;

Dia 8. Os nossos bons amigos major José Baptista de Souza e João Gracilio de Souza Santos;

Dia 9. Mariah, querida primogenita do nosso dedicado amigo dr. Julio Borges de Queiroz, solemnizou o seu primeiro septenario;

Dia 10. Francisco Gracilio de Souza Santos, empregado da «casa Joviniano», em S. Felix;

Dia 12. D. Auta da Silveira Dantas, extremosa esposa do nosso amigo Erico Dantas de Andrade, negociante em Castro Alves;

Fazem annos:

Na segunda-feira:

Marcola Barbosa, intelligente filhinha do nosso amigo Antonio Barbosa dos Santos e snr. Marcolino Barbosa dos Santos, irmão do rmo. vigario desta Freguezia;

Na terça-feira. D. Leonor de Almeida Costa, filha do nosso bom assignante major José Antonio de Almeida Costa.

A' todos mil felicidades.

«Jornal de Amargosa»

Completo no dia 23 do passado, seis annos de luctas, o «Jornal de Amargosa», illustre collega que se edita na cidade do mesmo nome e de publicação semanal.

Ao seu editor e proprietario o snr. Nestor Silva, como a sua illustre redacção, enviamos parabens e desejamos longa vida.

Recolhimento de notas

Foi prorogado até 31 de dezembro do corrente anno, o prazo para recolhimento, sem desconto, das notas seguintes:

De 1\$ da 6ª. estampa;

De 2\$ da 6ª, 7ª. 8ª. estampas;

De 5\$ da 8ª., 9ª e 10ª. estampas;

E das de 1\$, 2\$, 20\$, 50\$, 100\$, 200\$ e 500\$, fabricadas na Inglaterra de que tratam os editaes de 12 de Junho, 5 e 29 de Setembro e 29 de Novembro

de 1906 e 13 de Fevereiro, 18 de Março e 10 de Julho de 1907.

Uma desillusão

Não ha quem não conheça o Zé de Faustino, um rapagão trabalhador, alegre, cheio de vida, morador no Taboleiro da Copioba.

Ha muito que trabalhava para juntar um peculiosinho afim de cazar-se com uma formosa rapariga, que, com os seus olhos e maneiras donairosas, captivara-lhe o coração.

O dia foi marcado para 2 de corrente, a primeira segunda-feira de setembro.

Tudo estava prompto; restava apenas a *toilette*, que tinha mandado fazer em Maragogipe. No dia 31 do passado sellou o gordo bucephalo, tomou as bonitas chilenas, o branco rebenque de prata de potosi, e lá se foi estrada fóra, orgulhoso de sua chibança e com o cerebro povoado de mil idéaes.

Recebeu o seu *costume* de cachemira negra, comprou as luvas de fio de escossia, a gravata branca de bordado valenciano, e, o trote largo, voltou *sur le pas* aos seus penates.

Eram, seguramente, 10 horas da noite quando, cansado, chegou em casa.

Abriu a estribaria, desape trechou o animal e depois de revistar o pêlo do seu *tordilho* trançou-a e voltou a casa, onde depois de tomar uma palangana de café com tapioca, foi entregar-se aos braços de monpheu.

Eram 7 horas quando acordou, depois de um sono delicioso, em que, sonhando, via a mulher de sua escolha, ao lado, ao sair do templo sagrado, dizer-lhe: «sou tua até a morte».

Levanta-se, dirige-se a estribaria afim de almofaçar o animal... mas, o fatalidade! A estribaria tinha completamente ardido e o seu querido *tordilho* e um outro formoso *metado*, destinado a montaria de sua noiva, estavam carbonizados.

Uma ponta de charuto atirado ao chão sobre uma mēda de capim, tinha produzido o incendio.

E o pobre do Zé Faustino teve de adiar o seu enlace para...

para quando Deus quizer e elle poder.

Imprensa

Recebemos a honrosa visita do «O Palmense», órgão noticioso e literario, de propriedade do snr. Cunha Sobrinho, editado em Palmas (Paraná) sob a gerencia do Snr. Flavio Nogueira tendo como redactor o D. Ribeiro Vianna.

Agradecemos a visita e permittaremos.

A esperança

«A esperança é a flor que nunca murcha, é a luz que não se apaga, é o arco iris que sempre existe, é o cypreste que está sempre verde, é o anjo que nunca nos abandona, é o sonho do homem acordado, é a lampada de nossa alma».

Sem esperança a vida seria um martyrio, seria um céu sem estrellas, uma arvore sem flores, uma lagrima eterna, um suspiro sem fim.

A esperança é quem dá vida ao condemnado, é quem consola o infeliz, é quem anima o enfermo.

A esperança é a idéa que nasce connosco, é a estrella que sempre nos acompanha: o joven tem as suas esperanças na vida futura, o velho tem as suas esperanças em Deus.

E' a esperança que torna a vida feliz, é ella o som melodioso que sempre repercute aos nossos ouvidos, é a virgem que espalha flores pelo caminho de nossa existencia.

Todos tem esperança, o pobre e o rico o rei e o mendigo, o menino e o velho.

As esperanças começam no berço e acabam no tumulo.

Um homem que vivesse sem esperança, seria um corpo sem alma e sem coração; diz um adagio latino: onde ha vida, ha esperança: «ubi vita, ibi spes».

A esperança é as vezes a fada, que nos faz viver nos jardins encantadores, que nos dá riquezas fabulosas; é a lampada do Aladi-no que, quando evocado, fazia todos sonharem nas festas do Oriente; é a musica que aporta os nossos prazeres que nos leva as regiões da harmonia.

A esperança é a irmã da fé, quem espera, crê, são as duas columnas que sustentam a alma, são os perfumes que embelezam a vida, são os olhos com que se deve olhar para Deus.


Mas quantas vezes não desapparece a esperança de nossa vida! quantas vezes não se somem essas nuvens de ouro de nossa existencia! então a esperança é o re-

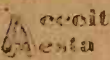
lâmpago que se apaga, é a folha
que cae do arvore, é o anjo que
sobe para o céu.»

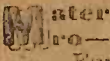
Continuação das esmolas
recebidas pelo tenente
Lino José Fernandes pa-
ra as obras da capella
de S. João do Alto do
Sacarandá

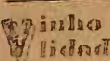
Quantia já publicada	130\$000
Manoel Alchanjo Souza	5\$000
Guilherme Gomes Peixoto	5\$000
Te. Coronel Nicolau Coni	5\$000
Major João Antonio de Coni	5\$000
João de Massa	5\$000
Fortunato Soares Barretto	5\$000
Gino José de Souza	5\$000
Somma	161\$000

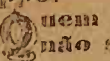
ANNUNCIOS

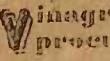
 Brinquedos para a
crianças, vende-se
na «Casa Joviniano» S. Fe-
lippe

 Escola—apprendizes—
Esta typographia.

 Materiaes para foguetei-
ro—vende-se na Pada-
ria «Esperança» de João
Caldas Lobo—S. Felipe.

 Vinho collares de 1ª qua-
lidade vende-se na socie-
dade Cooperativa—S. Feli-
ppe.

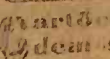
 Quem visita esta Villa
não me sem entrar na
Cooperativa.

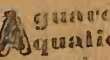
 Vinagre branco Lisboa,
procurer na Cooperati-
va.

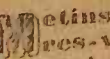
Salão CHILENO
RUA DA BAIXINHA

Corte de cabelo.....500 reis
Barba.....200 reis
Das 7 horas da manhã ás 8
da noite.

S. Felipe

 Cartões em branco ven-
dem-se nesta loja.

 Aguardente de primeira
Aqualidade—vende-se na
casa de Theotônio Mar-
inho de Aragão S. Felipe

 Metins de todos os
res—vende-se na casa
de Joviniano—S. Felipe

CASA JOVINIANO

DE

Joviniano Soares de Carvalho

S. Felipe

Completo e permanente sortimento de fa-
zendas fantazias, roupas feitas miudezas e muitos
artigos tendentes ao mesmo ramo de negocio.

Preço O MAIS RESUMIDO

ARMAZEM S. FELIPPE

CASA FILIAL

Compra de fumo, café e couros—Praça
Pinto Lima—nº 2—S. FELIPPE

Imprime-se

CARTÕES

NESTA TYPOGRAPHIA

TYPOGRAPHIA

DO

ESCUDO SOCIAL

Nesta typographia imprime-
se todo e qualquer trabalho
concernente a arte garantin-
do-se

Presteza, nitidez e modicidade em
preço

PRAÇA DO MERCADO

S. FELIPPE